

Médico descarta negligência

05 MAI 1990

DF - Saúde

Carlos Menandro

JORNAL DE BRASÍLIA

O médico e os enfermeiros do Hospital Regional da Ceilândia responsáveis pelo atendimento do menino Marcos Alves de Farias, de 12 anos, acusados pelo pai do garoto de negligência médica no atendimento ao filho, prestaram depoimento na tarde de ontem, na 15ª Delegacia de Polícia e negaram as acusações.

O médico acusado, Arivaldo Bizanha, e quatro auxiliares de enfermagem que estavam de plantão na sexta-feira passada, dia da morte do menino, negaram as acusações de imprudência, imperícia e negligência, três situações que configuram homicídio culposo.

Os quatro auxiliares de enfermagem também acrescentaram ao inquérito, que está sendo conduzido pelo próprio delegado-chefe da 15ª DP, Otelino Dias Nascimento, que não se recordam, de terem medicado o garoto.

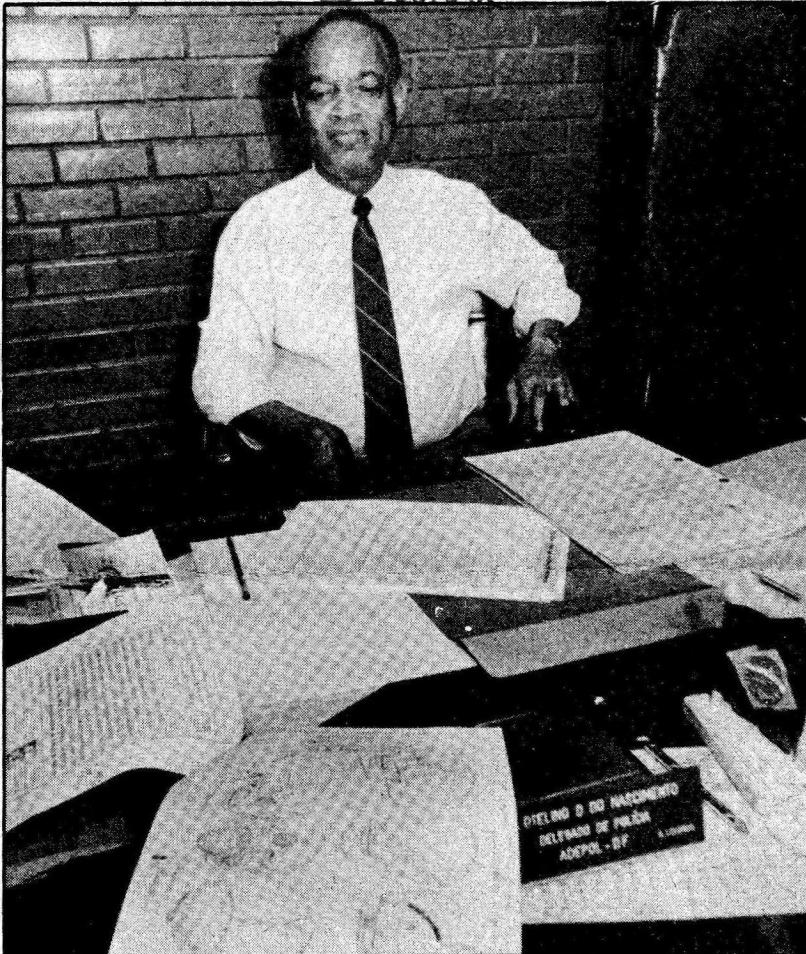
Não sabiam

Os auxiliares de enfermagem Francisca Ferreira Rolim, Cleber Tadeu de Carvalho, José da Silva e Maria Cabral Cander alegaram, que diante de tantos pacientes atendidos durante o dia, no HRC, "é difícil dizer quem medicou o garoto, mesmo através de fotos". Os quatro alegaram que somente tiveram conhecimento da morte de Marcos Alves e as acusações do pai, Antônio Estácio Alves, através da televisão e jornais.

O depoimento do médico Arivaldo Bizanha durou 80 minutos e ao final, ele fez questão de salientar que examinou Marcos detidamente e constatou que ele apenas apresentava escoriações leves e não apresentava sintomas de lesões mais graves. O médico, também afirmou que indagou a Marcos se ele sentia alguma perturbação. A resposta foi negativa. Diante do quadro clínico do menino, o médico, então, recomendou a aplicação de uma injeção antitetânica e curativos nos ferimentos, com a recomendação de que retornasse ao HRC, caso sentisse vômitos e fortes dores de cabeça, sintomas que surgiram menos de duas horas depois de ter deixado o hospital.

Laudo

O delegado Otelino Nascimento desde ontem conta com o laudo de necropsia do cadáver de Marcos, realizado no Instituto Médico Legal (IML). O laudo oficial afirma que o garotinho morreu devido a "insuficiência respiratória aguda seguida a hematomas extra-dural com contusão crânio-encefálica produzida por objeto contundente". Aliás, as acusações do pai do garoto residem justamente na negligência de não ter sido feita uma radiografia do crânio do filho, que acusaria a lesão.



Otelino investiga se houve negligência no atendimento a Marcos

Ministro aponta descaso

O ministro da Saúde, Alceni Guerra, voltou a acusar ontem, os médicos da rede pública do Distrito Federal de não estarem comparecendo aos seus locais de trabalho e novamente atribuiu às administrações anteriores os problemas enfrentados pelo sistema, como falta de materiais, equipamentos, recursos humanos e medicamentos. Segundo a diretoria do Sindicato dos Médicos, porém, não há absenteísmo dos profissionais, que continuam comparecendo nas emergências dos hospitais, e atendendo os pacientes com as condições mínimas de trabalho.

"É imprescindível que os médicos comparecam ao trabalho e não é possível aceitar esse descumprimento sob a alegação de que faltam condições", afirmou o ministro, comentando que em Brasília os profissionais estariam sendo estimulados ao não comparecimento. "Existem muitos médicos trabalhando, porém há um volume grande de acusações de que outros não estejam comparecendo", prosseguiu. O secretário de Saúde, José Richelieu, também criticou a atuação dos médicos, especialmente dos Hospitais de Taguatinga e da Asa

Norte, onde a situação dos pronto-socorros vinha impedindo o atendimento regular dos pacientes.

Condições

"Os médicos desses hospitais não estão fazendo o que os outros têm conseguido diante das mesmas condições e dificuldades", afirmou o secretário, destacando que a crise é generalizada. "Alguém está se aproveitando da situação", arrematou Richelieu. Para o diretor do Sindicato dos Médicos, Mário Sérgio Nunes, são falsas as acusações do ministro e do secretário de que os médicos têm se ausentado do trabalho. "Eles estão trabalhando como podem, inclusive atendendo os pacientes e pedindo que eles mesmos comprem os medicamentos para serem aplicados", afirmou Mário, sugerindo que as autoridades visitem os hospitais e constatem o fato.

Para o diretor do Sindicato, as autoridades não devem se ater às críticas aos profissionais, mas "prover os hospitais de condições para que possam atuar com eficiência". Segundo o ministro da Saúde, o novo governo já iniciou o processo de recuperação do sistema de saúde pública do DF e do País.

Contradição em Planaltina

Dois vigilantes, duas enfermeiras, um agente administrativo e dois agentes de portaria foram interrogados ontem pelo delegado Djalma Eleutério da Silva, da 16ª Delegacia de Polícia de Planaltina, sobre os acontecimentos do dia 26 último, quando morreu sem atendimento no Hospital Regional da cidade o menino Osanir Francisco de Andrade de um ano de idade. O delegado achou os depoimentos dos vigilantes, principalmente daquele identificado apenas por Francisco, conflitantes com as declarações da família do garoto Osanir, e pretende fazer acareações na próxima semana. Segundo depoimento da mãe, Iraci de Andrade, o vigilante a teria impedido de entrar no hospital sob alegação de que os médicos estavam almoçando.

Três médicos que estavam de serviço entre 12h00 e 14h00 no Hospital de Planaltina no dia 26 serão interrogados segunda-feira, às 14h30, na 16ª DP. Na terça-feira será a vez de colher os depoimentos de três auxiliares de enfermagem, todos constantes da lista de 13 nomes fornecida pelo diretor do HRT, Carlos Alberto Campos, em resposta ao ofício encaminhado quarta-feira última pelo delegado Djalma Eleutério.

Mas o próprio diretor do hospital ainda não está dispensado de interrogatório na 16ª DP. O delegado Djalma admitiu fazer a sua convocação após tomar os depoimentos já marcados para o início da semana que vem. "Foi um trabalho produtivo porque hoje ouvi a versão dos funcionários sobre os acontecimentos", disse o delegado, após tomar sete depoimentos que duraram mais de quatro horas ininterruptas— de 15h00 às 19h00. "Na próxima semana vamos analisar todo o expediente e verificar a necessidade de ouvir o diretor", ponderou.

Rapidez

O delegado explicou que apesar de não ter prazo para terminar suas investigações por se tratar de uma sindicância e não de inquérito policial, pretende concluir o caso "o mais rápido possível", de preferência antes do prazo de 30 dias estabelecido para os inquéritos. Ele se negou a fornecer os nomes de todos os envolvidos na apuração da morte do garoto Osanir porque ainda não encerrou sua primeira fase de interrogatórios, quando poderá analisar a situação "mais profundamente". Todos os depoentes de ontem estiveram na 16ª DP acompanhados de representantes sindicais. Os vigilantes Francisco e Severino estiveram todo o tempo com a advogada Vera Lúcia e o sindicista José Maria de Oliveira.